

A problemática social no conto *Ciúmes*, de Graciliano Ramos

Francieli Borges

Graduada em Letras pela
Universidade Federal de Pelotas

francelidborges@gmail.com

Orientador Prof. Dr. João Luis
Pereira Ourique

Resumo: A leitura de uma obra literária permite explorar, além das análises calcadas nos aspectos formais, os aspectos psicológicos, sociais e históricos da qual fez parte e refletiu em suas páginas. Ler os escritos do autor nordestino nos faz desenvolver aquela visão com a qual ao enunciar um nome a um lugar acabamos associando o lugar a um conjunto. A temática, a fragmentação e a repetição de expressões contidas no conto *Ciúmes*, presente na obra *Insônia*, são os elementos mais evidentes dessa relação de inquietude que aproxima a narrativa com as situações cotidianas, propiciando a identificação com o leitor. As discussões e análises aqui apresentadas se sustentam, principalmente, na abordagem teórica e crítica de Antonio Candido, Walter Benjamin, Anatol Rosenfeld, Erich Auerbach e Zygmunt Bauman.

Palavras-chave: Literatura. Graciliano Ramos. Experiência. Inquietude

*Falo somente com o que falo:
Falo somente do que falo:
Falo somente por quem falo:
Falo somente para quem falo:*
João Cabral de Melo Neto, *Graciliano Ramos*

A abordagem das situações cotidianas por um viés mais crítico é um desafio ao qual inúmeros escritores se dispõem, mas essa atitude frequentemente se transforma em armadilha: primeiro, porque sabemos que descrever o tempo no qual estamos inseridos é uma tarefa árdua e implica, necessariamente, uma visão reduzida acerca das situações que se relata; e por fim, porque as personagens - em sua maioria - se tornam caricaturas, clichês da sua época, previsíveis, ou seja, são relatos superficiais, geralmente construídas em torno de uma única ideia ou qualidade.

O autor de *Insônia*, por outro lado, evidenciando o tom de incerteza e atentando às descrições mundanas com profusão, coloca em cheque os símbolos burgueses decadentes de uma sociedade que tem produzido cada vez mais angústia, melancolia e insones. Graciliano Ramos criou modos literários nos quais descreve complexos e variados lados da natureza humana, as suas paixões, desgostos e motivos de seus impulsos. Nesse sentido, a vaidade e o orgulho rompem, mediante a expressão trágica, com os traços de polidez impostos pelos costumes e hábitos. O escritor descreve a sordidez dos ambientes e a pretensa conduta das personagens, salientando os pontos em comum com situações reais. Em seus escritos algumas características são fortemente marcadas. Enquanto algumas vezes são o equilíbrio e quase

excesso de lucidez que vêm do âmago de suas personagens, outras são os impulsos desordenados e desvairados que se sobressaem nas mesmas. A problemática da virtude e as relações permeadas por impulsos vis aparecem como uma realidade onde todos nos inserimos.

O escritor nordestino foi o romancista de uma região. Apesar da constante captação de valores humanos, pode se situar ao mesmo tempo em duas posições definidas: realizador de um documentário ao modo dos neorrealistas e animador do psicologismo. A estrutura social subsiste em função do acontecimento humano: as personagens dependendo das contingências - guerras, revolução, seca - para que projetem os dramas em intensidade. Há tamanha necessidade da humanização que, para assegurá-lo, Graciliano não subordina apenas o cenário ao homem, mas no homem penetra em busca dos grandes acontecimentos. É tão intransigente na revelação das personagens, nessa necessidade em apresentá-las em função da natureza humana, que obscurece o cenário em alguns casos. Ele se utiliza do monólogo para evidenciar as relações por intermédio do processo mental.

Os contos de *Insônia*, antes do formato atual, foram publicados em jornais e reunidos com outros nomes. A perspectiva “noturna”, no entanto, é mantida e mais de metade do livro se passa à noite. Os textos possuem vocábulos secos e frases endurecidas. Em diversos casos, a narrativa aborda a frustração e a confusão da personagem, entre a aversão por pessoas e coisas e a

percepção brutal do mundo que a cerca, sem, contudo, conseguir distinguir ao certo o real do imaginário. O clima opressivo absorve o leitor, já que a vida é compreendida com demasiado negativismo. Isso se explica, segundo Rosenfeld e Auerbach, pela profunda mudança social e, portanto, na forma de pensar das pessoas durante a Modernidade. Essas transformações levariam à necessidade de representação de uma consciência multiforme e aberta a contradições, que se expressaria na instabilidade de conduta de narradores, na construção de personagens marcadas por paradoxos e vazios, na inutilidade ou impenetrabilidade de ações.

É justo afirmar que Graciliano levou a ficção nordestina para o círculo exato em que se move o romance moderno. Sobre os anos trinta do século XX, é possível dizer que foi marcado pelo intenso engajamento político e social no campo da cultura. Ainda que alguns autores não tivessem consciência clara ou definição exata sobre suas obras, a inserção ideológica dá contorno àquele período. Até então, o Nordeste tinha dois ciclos perfeitamente caracterizados: o ciclo pré-modernista e o ciclo pós-modernista. No primeiro, o espaço da cena é ocupado pela ação episódica e em plano secundário os elementos sociais (Franklin Távora e Domingos Olympio). No segundo, os elementos sociais superam a ação episódica traduzindo rigorosamente o documentário (José Américo de Almeida e Rachel de Queiroz). Parece não ter havido o romance modernista. A colocação foi “a priori” e “a posteriori”. Mas ao fechar-se o segundo ciclo, Graciliano Ramos abre a terceira fase:

acrescenta o documentário, sem anular a irradiação social e nem a inquirição psicológica.

No posfácio do livro *Insônia*, em sua 13ª edição, Adonias Filho, in RAMOS (1977, p.173) observa que:

A flagrante exterioridade, muitas vezes atingindo o paisagístico, perde o domínio que exercia. Restringe-se o elemento descritivo. A narração, que era meramente episódica, transforma-se, condensando, e adquire mais forte capacidade de representação. A imediata decorrência será um novo conteúdo, nele o problema humano preenchendo o maior espaço. Mas, o que me parece importante é o romancista dele aproveitar-se para, sem eliminá-lo, fundamentar o realismo social. A primeira conclusão a aparecer, pois, é a de que a representação social resulta do núcleo humano, as personagens em parte relacionadas com o a condição humana e só posteriormente na dependência das fronteiras regionais. [...] É que se torna justo reconhecer em Graciliano Ramos o ficcionista que renova a novelística nordestina.

Graciliano, após período conturbado no qual esteve preso pela ditadura Vargas, até fins de 1937, resolve permanecer no Rio de Janeiro inicialmente escrevendo para jornais. Nessa perspectiva de intensas transformações políticas e econômicas nasce *Ciúmes*, conto que narra situações de violência física, verbal e personagens que delineiam a contradição do ser humano entre momentos de lucidez e revolta. Narra-se ali a respeito do relacionamento amoroso em que o convívio humano se baseia no que cada um pode ganhar e que segue existindo porque é conveniente. A partir da indagação da personagem D. Zulmira acerca de um boato de

traição do seu marido, tem-se o início de um relato de incertezas, frustrações e dolorosa percepção de impotência.

A família constitui uma agregação histórica e cultural como espaço de poder, de laços, de liberdade. É, portanto, uma aliança composta para representar harmonia e paradoxo. Por isso, “a família cuida, como uma das componentes educativas mais importantes, da reprodução dos caracteres humanos tal como os exige a vida social”, de acordo com Horkheimer. Nesse conto é representada uma família tradicional e o modelo patriarcal de maneira muito forte, destacando a presença da mulher transitando nesse meio de poder que enfatiza a infelicidade em nome das aparências e da superação das traições narradas em forma de uma vingança em forma de sonho.

O texto inicia-se com a seguinte passagem:

No dia em que D. Zulmira soube que o marido se entendia com uma criatura do Mangue foi uma apanhada. A princípio não quis acreditar e exigiu provas, depois teve dúvidas, ficou meio convencida, levantou-se da mesa antes do café e dirigiu à informante um olhar assassino. Entrou no quarto com uma rabanada, rasgou a saia no ferrolho da porta e aplicou duas chineladas no pequeno Moacir, que, sossegado num canto, manejava bonecas. (RAMOS, 1977, p.127)

A opressão ao filho do casal, Moacir, ocorre em vários parágrafos e reflete a projeção do descontentamento com o matrimônio. A avaliação acerca do bem-estar do ser mais fraco e dependente da família não acontece. Desde o nascimento, o filho

do casal é visto por D. Zulmira como a perda da autonomia de suas preferências. O modelo da família tradicional brasileira, que consagrava uma divisão clara de papéis, em que geralmente o homem se envolvia com o trabalho remunerado, enquanto a mulher dedicava-se aos afazeres da vida familiar, incluindo a administração da casa e os cuidados com os filhos estão em período de transição na época em que o conto é narrado. Além da maternidade, muitas mulheres preocupavam-se com sua realização acadêmica e valorizavam a construção de uma carreira profissional, vislumbrando nessa atividade uma condição necessária ao sucesso da sua vida. A histórica “mãe de família” estava em processo de desaparecimento. No entanto, D. Zulmira oscila entre a revolta e o comodismo, questionando suas funções como mulher. A ambiguidade de D. Zulmira acaba por refinar a exemplificação desse movimento da personagem:

Como se julgava muito superior ao companheiro, sentia-se humilhada ao descobrir que semelhante indivíduo a enganava. Não sabia direito porque era superior, mas, era, sempre se imaginara superior, sem análises. Tão gordo, tão inútil! Findos os devaneios complicados, D. Zulmira entrava nos eixos, tornava-se a melhor das esposas e, com vago desprezo a que se juntava algum remorso, enternecia-se por aquela gordura e aquela inutilidade. [...] Infelizmente D. Zulmira se tinha habituado a um grande número de amolações e receava não poder viver sem elas. (RAMOS, 1977, p.135)

Um importante aspecto analisado no texto do autor nordestino é o culto à violência - empregada em forma de

humilhação a espancamento - que torna possível observar a crítica a uma sociedade insensível, que vê os atos violentos como forma respeitável de punição, que obedecem inclusive a níveis hierárquicos dentro da mesma família. Isso se explica, segundo Rosenfeld e Auerbach, pela profunda mudança social e portanto, na forma de pensar das pessoas. Essas transformações levariam à necessidade de representação de uma consciência multiforme e aberta a contradições, que se expressaria na instabilidade de conduta de narradores, na construção de personagens marcadas por paradoxos e vazios, na inutilidade ou impenetrabilidade de ações. Observamos na narrativa a frustração, em diversas passagens. Ou está presente uma indiferença brutal, que talvez disfarce uma escassez de autoestima, ou no sentimento gritante de fúria e aversão das pessoas e coisas. Há, no conto, excesso de negação e amargura por parte das personagens.

Nesse período literário com alguma influência naturalista, Graciliano não raro compara suas personagens com animais. Esse é um movimento que observamos em vários de seus escritos e também na seguinte passagem de *Ciúmes*:

Chegara ao quarto como um gato zangado, agora se estirava com um gato em repouso. Vivera alguns anos assim gata, bem domesticada, arranhando pouco, miando pouco, entregue aos seus deveres de bicho caseiro. (RAMOS, 1977, p.134)

Otto Maria Carpeaux situou o universo ficcional de Ramos dizendo que “Todas as personagens de Graciliano Ramos são tais

monstros, revoltados, caçados, nostálgicos da morte...” (1978: 28). O escritor, tanto no conto que aqui observamos quanto na maior parte de sua obra sempre faz com que seu leitor se depare com uma sensação de angústia, revolta, vazio.

A maior parte dos leitores literários costuma se interrogar acerca das intenções do autor. Não tanto pelas centrais, mais ou menos óbvias, mas às secundárias e, particularmente, aquelas que pouco se revelam. Esse território pouco decifrável, na obra de Graciliano, é vasto.

Reconhecendo o limite das teorias interpretativas e ao mesmo tempo a infinidade de interpretações que pode haver em um texto literário, recorreremos às abordagens sócio históricas para que pudéssemos situar o conto em uma época. Embora saibamos que tanto as críticas sociais quanto às históricas se atêm a fatos externos ao texto, não podemos negar que elas auxiliam na compreensão subjetiva de um escrito. Nesse sentido, podemos partilhar da crítica de Graciliano que vê em sua literatura um convite à análise social. Não se trata de fazer uma apologia às análises fora do texto para justificar a existência de determinada personagem. Todavia, as obras são frutos de seus criadores e, portanto, se entrelaçam. É através de sua obra que conhecemos o autor e não ao contrário. Graciliano não é personagem, mas muitos de seus personagens são Graciliano:

Nunca pude sair de mim mesmo. Só posso escrever o que sou. E se as personagens se comportam de modos diferentes, é porque não sou um só. Em determinadas

condições, procederia como esta ou aquela das minhas personagens. Se fosse analfabeto, por exemplo, seria tal qual Fabiano. (RAMOS, In: SENNA apud BRAYNER, 1978, p.55)

Portanto, Ciúmes é uma criação de seu tempo com todas as influencias socioculturais somado à ideia de seus leitores:

O fato de sempre interpretarmos as obras literárias, até certo ponto, à luz de nossos próprios interesses - e o fato de, na verdade, sermos incapazes de, num certo sentido, interpretá-las de outra maneira - poderia ser uma das razões pelas quais certas obras literárias parecem conservar o seu valor através dos séculos. (EAGLETON, 2006, p.18)

Essas personagens que nos são apresentadas permitem a reflexão sobre pessoas à margem, negligenciadas. Dessa fusão da personagem, cenário e contexto social sai o drama que transmite ao livro a descarga nervosa diretamente ao leitor, aquela que Aristóteles teria denominado catarse.

Referências:

AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo. Perspectiva, 1976.

BAUMAN, Z. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUMAN, Z. *Medo Líquido*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2006.

BENJAMIN, W. *A modernidade e os modernos*. Trad. Heindrun Krieger Mendes da Silva e Arlete Brito. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

BRAYNER, Sônia (org). *Graciliano Ramos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

CANDIDO, A. *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

CANDIDO, A. *Literatura e Sociedade*. 8.ed. São Paulo: T.A. Queirós, 2000.

CARPEAUX, Otto Maria. Visão de Graciliano Ramos. In: BRAYNER, Sônia (Org.) *Graciliano Ramos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. 6.ed. Martins Fontes. São Paulo, 2006.

HORKHEIMER, Max. *Teoria Crítica: uma documentação*. Trad. Hilde Cohn. São Paulo: Perspectiva, 1990.

RAMOS, G. *Insônia*. 13.ed. São Paulo: Record, 1977.

RAMOS, R. *Graciliano: retrato fragmentado*. São Paulo: Siciliano, 1992.

ROSENFELD, A. *Texto / contexto II*. São Paulo: Perspectiva / Ed.USP / Ed. Unicamp, 1993.